

Sobre o método: do positivismo ao marxismo

Kleiton Wagner Alves da Silva Nogueira¹

PPGCS/UFMG: <https://orcid.org/0000-0001-5238-5262>

DOI: [10.21680/1982-1662.2021v4n32ID26597](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2021v4n32ID26597)

GONÇALVES, Hugo Feitosa. **Sobre o método: do positivismo ao marxismo**. Curitiba: CRV, 2020.

O campo científico das Ciências Sociais é atravessado por teorias e epistemologias que fomentaram, no curso do desenvolvimento dessa área, implicações sobre o ato de pesquisar, e a forma como pesquisadores dessa área constroem suas problematizações e investigações. É sabido que, por ser uma área propícia à interligação com outros campos do saber, possui uma condição transdisciplinar, ou seja, não se prende à especialização, mesmo que na contemporaneidade seja exigido dos pesquisadores e pesquisadoras o aprofundamento necessário sobre um determinado tema de pesquisa. Por outro lado, o amadurecimento de espaços como o da Sociologia, Antropologia e Ciência Política fomentaram debates acerca de como se abordar determinados temas e agendas de pesquisa, não menos importante é a necessidade de pensarmos a pesquisa em si.

É nesse limiar que entendemos a necessidade e a urgência do desenvolvimento de pesquisas que possam fornecer pistas e reflexões para os problemas que a sociedade enfrenta, sem com isso, desconsiderarmos que o próprio ato de pesquisar, a escolha de um tema e a formulação de uma problemática de investigação fazem parte de um encadeamento de intencionalidade, no qual os pesquisadores estão inseridos. Os desafios não são poucos, e muito menos fáceis. Num momento em que o mundo vivencia a pandemia de Covid-19, com milhares de mortes em todo o globo terrestre, milhares de cientistas buscam, seja do campo das ciências biológicas ou sociais,

¹ E-mail: kleiton_wagner@hotmail.com

entender o que nos levou a esse quadro pandêmico - até o momento de escrita dessa resenha (8 de Setembro de 2021), segundo dados oficiais da Organização Mundial de Saúde (OMS), o mundo totalizou 221.648.869 casos confirmados de Covid-19, incluindo 4.582.338 mortes.

Portanto, tratar acerca do método, especialmente nas Ciências Sociais não deixa de ser uma tarefa necessária, porém, de grande fôlego, pois o mergulho nesse mar de teorias e abstrações remete a capacidade de organização, sistematização e posição autoral diante de amplas reflexões sobre o método. E foi justamente com esse intuito que o economista e doutorando (no momento de escrita dessa resenha), Hugo Feitosa Gonçalves, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS/UFRN) produziu o livro *Sobre o método: do positivismo ao marxismo* pela editora CRV.

O livro apresenta uma estruturação simples e objetiva, procura dentro do debate acerca do método nas Ciências Sociais, realizar uma reflexão sobre a formulação do método positivista, evidenciando que os métodos não são entidades abstratas que pairam sobre a sociedade, pelo contrário, são construções e abstrações promovidas pelos homens e mulheres no decorrer do desenvolvimento e construção do conhecimento científico. Nesse sentido, o livro apresenta um total de quatro partes, a saber: i) Breves notas acerca das concepções sociais de mundo; ii) O positivismo; iii) O materialismo histórico-dialético; iv) Breves notas: o marxismo frente ao positivismo. Além dessas partes, a obra também apresenta um prefácio escrito pela Dra. Gelfa de Maria Costa Aguiar - economista e professora titular aposentada da Unidade Acadêmica de Economia (Uaecon) da Universidade Federal de Campina Grande - um prólogo; a introdução, e um texto em anexo, intitulado de Notas acerca da crítica à Weber, do também doutorando pelo PPGCS\UFRN, Clécio dos Santos.

Em princípio, o livro apresenta uma paginação breve, totalizando 68 páginas no qual o leitor poderá ter acesso a uma escrita clara e objetiva. Contudo, essas duas características não são sinônimos de uma análise rasa e superficial acerca do método, e em específico do positivismo, que é um dos métodos que o autor vai canalizar suas atenções e argumentos. A capacidade de síntese é um destaque do autor, que, embora tenha deixado de pontuar, em nossa visão, algumas bibliografias necessárias ao debate, alcançou o objetivo de mostrar com clareza suas principais divergências em relação ao positivismo.

No primeiro capítulo o autor chama a atenção para as concepções/cosmovisões de mundo: a cristã, marcadamente expressa pelos dogmas religiosos do cristianismo enquanto doutrina religiosa que mais se expandiu pelo mundo. Ao retomar autores como o sociólogo Edgard Malagodi (1993) e o teórico russo Gueorgui Plekhanov (2010), Hugo Gonçalves vai argumentar que essa primeira visão de mundo seria idealista, na qual a existência de um espírito supremo estaria acima, ditando e dominando o destino dos homens e mulheres. A segunda cosmovisão seria a individualista, oriunda do século XVI, no qual os interesses individuais dos homens estariam em consonância com o interesse maior de uma determinada sociedade, ou seja, a soma dos interesses de cada indivíduo seria efetivo para o melhor resultado do conjunto da sociedade. Hugo Gonçalves assevera a partir da reflexão do sociólogo e filósofo francês Henri Lefebvre (2017) que essa cosmovisão teria como correspondente o liberalismo positivista, amplamente divulgado a partir da consolidação do modo de produção capitalista. A terceira cosmovisão seria a do marxismo, que aparece como antítese às concepções anteriores. No marxismo, segundo Gonçalves (2020) ao tomar como base o pensamento de Lefebvre (2017), a contradição a partir das relações materiais de produção seria o demiurgo dos processos e fenômenos políticos, sociais e ideológicos. Ao contrário das duas concepções anteriores, o marxismo se orienta pelo real concreto, ou seja, pelas ações dos homens de carne e osso, e não por paradigmas metafísicos. Nessa concepção, a história vai desempenhar função preponderante, pois é na história que as disputas e lutas entre as classes vão moldar a realidade, não como processo teleológico, mas como um campo aberto de disputas pela hegemonia do poder político numa determinada formação econômico-social. De um modo geral, essas três concepções apresentadas no livro servem de base para, nos capítulos posteriores, o leitor possa ir identificando as raízes e pré-concepções existentes tanto no positivismo, quanto no marxismo.

Nesse íterim, o segundo capítulo da obra apresenta um esboço geral acerca do positivismo. Nesse capítulo cabe o destaque aos apontamentos históricos que antecederam e foram basilares para o surgimento do positivismo enquanto método científico. Ao passar pela reforma luterana, calvinismo, e o processo de fragmentação da ordem feudal para a conformação da burguesia como classe dirigente e dominante, Gonçalves (2020) identifica os principais períodos e intelectuais orgânicos que fundamentam o positivismo. A partir do pensamento do professor franco-brasileiro

Michael Löwy (1989), somos apresentados a um percurso que se inicia pela influência do filósofo e matemático francês Marquês de Condorcet, e que perpassa figuras como Saint-Simon, Auguste Comte, Émile Durkheim, Max Weber e, em contraposição a esses intelectuais, Karl Marx com o seu método crítico. Em cada um desses intelectuais temos a leitura das diferenciações e peculiaridades do pensamento positivismo, que no limiar do desenvolvimento histórico foi adquirindo mudanças. Desse conjunto de autores que são destacados no livro, Durkheim, Weber e Marx são considerados os mais conhecidos no campo das Ciências Sociais. O primeiro, ao aprofundar sua visão no funcionalismo, vai enxergar o método como um elemento asséptico, limpo das interferências e pré-noções do sujeito. Sua tentativa de estudar a sociedade como um organismo na tentativa de se aproximar das ciências da natureza fomentaria um método objetivo e científico. Dessa forma, os fenômenos sociais seriam interpretados e considerados como fatos sociais, regidos por leis sociais “naturais” que necessitam de um funcionamento perene, e de ajustes às anomalias para que o sistema social e suas instituições se mantenham em pleno funcionamento. Em Weber teríamos como proposição metodológica a proposta de uma ciência neutra, objetiva e ausente de valores do sujeito pesquisador. Para Weber, segundo os apontamentos de Gonçalves (2020) a partir do professor Michael Löwy (1989), diferentemente de Durkheim, as escolhas dos objetos de pesquisa partem de pressupostos subjetivos, todavia, os resultados e o encaminhamento da pesquisa deveria ser objetivo, ou seja, os resultados devem estar livres de juízo de valor e de interesses políticos, econômicos e sociais. Em resumo, Gonçalves (2020) demonstra a partir desse itinerário histórico/epistemológico que o positivismo está intimamente vinculado a uma concepção burguesa de enxergar o mundo. Ao promover sua hegemonia, é nítido que, em determinado período histórico, na luta política com camarilhas do feudalismo, monarquia e igreja católica, essa concepção de método promoveu mudanças em relação ao ato de pesquisar que devem ser levadas em consideração. Contudo, o que o autor do livro nos mostra é justamente o fato do positivismo não estar desvinculado das relações sociais de produção e dos interesses da burguesia: “[...] o positivismo parte de pressupostos idealistas, metafísicos, abstratos do real concreto, que interessam às classes dominantes na contemporaneidade, a burguesia, quais guiam o processo de racionalização [...]” (GONÇALVES, 2020, p. 36). Já o terceiro autor, Karl Marx, surge no livro como antítese às concepções positivistas e metafísicas,

especialmente pela fundamentação epistemológica e metodológica que Marx empreendeu ao estudar a sociedade capitalista. Ao desenvolver um método que procura nas relações materiais concretas a gênese dos processos sociais e de exploração, esse autor contribuiu para mostrar que, ao contrário das premissas positivistas, não podemos desvincular a ciência da luta de classes, e o próprio conhecimento das relações sociais de produção. Tais premissas são apresentadas no terceiro capítulo do livro de Hugo Gonçalves.

Dessa forma, se o positivismo foi apresentado no segundo capítulo como ligado aos interesses da burguesia enquanto classe dirigente e dominante no modo de produção capitalista, que em certa medida, racionaliza e dita forma de pesquisar, no terceiro capítulo da obra somos apresentados ao materialismo histórico-dialético. Esse capítulo funciona como uma espécie de contraposição ao anterior no sentido de demonstrar a forma como esse método põe por terra as concepções positivistas de pesquisa. Sem embargo, para chegar de fato ao materialismo histórico-dialético, Gonçalves (2020) vai fazer um percurso que remonta a perspectiva dialética, chamando atenção para a concepção de Hegel, pensador e filósofo alemão, e sua diferenciação em relação ao pensamento de Marx e Engels. Ao ter por base o pensamento hegeliano, Marx não apenas superar Hegel, mas procura compreender a sociedade civil pelas relações sociais de produção. Essas relações são compreensíveis não pela somatória da economia política inglesa, socialismo francês e filosofia alemã, mas por uma nova proposição, que a partir desses três campos do pensamento humano, fornece o entendimento dos fenômenos sociais; Dessa forma, a concepção crítica de Marx é totalmente diferente da percepção positivista, que encara o mundo como estático, imutável e regido por leis naturais. Diferentemente do positivismo, o método no marxismo busca entender os fenômenos sociais pela raiz, não se prendendo à superficialidade e aparência das relações sociais de produção, mesmo que estas sejam o ponto de partida do pesquisador. Ao contrário de intelectuais como Durkheim e Weber, fica bastante nítido que em Marx, teoria, método, metodologia e epistemologia estão em conjunto, totalmente imbricados no marco da totalidade, não podendo ser vistos de forma isolada. Todavia, isso não implicaria num relativismo por parte do marxismo, mas do reconhecimento de que, enquanto indivíduos que vivem numa sociedade de classes, a própria produção de conhecimento está imbricada por interesses materiais, ligados de forma orgânica à concepção de mundo. Ao assumir

essa posição, e buscar nas relações materiais de produção o demiurgo dos processos e fenômenos políticos, econômicos, sociais e ideológicos, o marxismo não se exclui, segundo Gonçalves (2020), da intencionalidade inerente ao seu método a produção de um conhecimento vinculado à práxis social e revolucionária, que tem por objetivo, desvelar os processos de exploração da burguesia e suas frações de classe, sob o proletariado. Não se trata da produção de um conhecimento sob a égide de uma concepção elitista, semelhante aos materialistas vulgares, muito pelo contrário, o marxismo vai defender a atuação da própria classe trabalhadora na conformação de uma hegemonia proletária e formação de um novo bloco histórico que valorize a vida e as relações sociais não baseadas na mercadorização, mas no convívio e na extinção da propriedade privada, exploração e mazelas sociais que possuem como origem o capitalismo enquanto modo de produção social. Por esse motivo que a produção de um conhecimento orgânico, vinculado à classe trabalhadora e que no campo das ideias faça o embate com as concepções dominantes é basilar, tendo em vista que, segundo o marxista revolucionário Antonio Gramsci apontou em seus cadernos do Cárcere - especificamente no caderno 12 - sobre a concepção de intelectual orgânico.², as classes sociais também produzem seus conteúdos e formas através de intelectuais engajados com os interesses de classe.

Por fim, e não menos importante, temos o quarto capítulo da obra de Gonçalves (2020), onde temos acesso a um balanço do positivismo liberal burguês. Todavia, o autor aponta que essa ideologia teria uma “ética que tem como elementos os princípios de liberdade, de bem-estar social, de razão humana” (GONÇALVES, 2020, p. 55) procurando diferenciar esses elementos quando postos ao lado do marxismo o próprio autor aponta que a concepção positivista burguesa só enxerga liberdade até certo limite, que é o da propriedade privada dos meios de produção, sua democracia só vai até o ponto em que os interesses das classes dominantes são mantidos pelos aparelhos de poder estatal burguês, e sua ética convém quando a direção e a hegemonia da produção material da vida coadunam com a visão de mundo burguesa.

² Antonio Gramsci (1891-1937) fundador do Partido Comunista Italiano foi preso pelo regime fascista italiano de Benito Mussolini no ano de 1926. No cárcere, passou a ter uma produção intelectual exímia, todavia, devido às condições do regime fascista, não conseguiu realizar uma sistematização final de seus cadernos, falecendo no ano de 1937. Sua obra foi organizada posteriormente em volumes, descritos como “cadernos do cárcere”. Tendo em vista essa questão na organização da produção intelectual do marxista italiano, indicamos que o caderno 12 - *Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais* - está localizado no volume 2 da edição em Português organizada pelo professor Carlos Nelson Coutinho (GRAMSCI, [2004] 1932) e foi escrito no ano de 1932, localizado entre as páginas 15 e 53.

Para o marxismo, a partir do materialismo histórico-dialético, a premissa é totalmente contrária, a busca é por uma sociedade sem classes, no qual a democracia seja, pela primeira vez na história da humanidade, da maioria em relação à minoria, uma democracia da classe que vive do trabalho. Os meios de produção da vida material, para essa vertente do pensamento, seriam socializados, e a produção material da vida não seria balizada pelo consumo do “livre mercado” e muito menos pelo lucro, mas sim, pelas necessidades de homens e mulheres de carne e osso.

Em nossa visão, tais apontamentos acerca do positivismo que são abordados no livro de Gonçalves (2020) pode ser observada empiricamente na realidade, especialmente no momento contemporâneo em que vivemos sob a hegemonia do capital portador de juros, no qual frações da burguesia promovem valorização do valor do capital no campo da esfera financeira, bancária, parasitária-fictícia. Sob essa forma, a lógica positivista que invadiu a economia, sob o manto neoclássico e neoliberal apregoa uma economia limpa de valores, redundante à econometria e a fórmulas matemáticas que visam análises microeconômicas de custo - efetividade - eficácia e retorno de investimentos. Desconsidera-se a história, as relações sociais de produção e as classes sociais. No próprio contexto da pandemia observamos uma infinidade de produções acadêmicas que, sob o rigor metodológico influenciado pelo positivismo e pela verve cartesiana, pairam na superficialidade do Sars-Cov-2. Não se busca ir à raiz dos problemas, a pandemia aparece como algo inédito, sem contexto histórico e sem conexão com o modo de produção capitalista, com o agronegócio e a destruição dos habitats naturais de espécies que viviam em perfeita harmonia ecológica. No âmbito da saúde, os estudos se voltam para o corpo e os efeitos do vírus sobre o organismo humano, não que tais investigações devam ser desconsideradas, pelo contrário, é necessário o aprofundamento e o questionamento, do ponto de vista histórico, político, econômico e social, dos fatores que nos remeteram a situação pandêmica.

Frente a esses apontamentos principais expressos na obra de Hugo Gonçalves, avaliamos que o livro é uma ferramenta propositiva para que alunos de graduação de Ciências Sociais e áreas afins possam fazer um mergulho inicial sobre os empreendimentos metodológicos requeridos nessa área. Por ser um livro curto e objetivo, pode ser utilizado em sala de aula como texto introdutório, especialmente em disciplinas de metodologia científica e teoria social, tendo em vista que o autor

consegue, de forma crítica, fazer um percurso sintético sobre a base das Ciências Sociais, especialmente em autores como Comte; Durkheim, Weber e Marx. Além disso, a centralidade crítica cujo epicentro é o positivismo, também pode ajudar alunos e alunas a elaborarem um pensamento mais profundo acerca do método, entendendo este, não como um receptáculo neutro e asséptico, mas compreendendo que, a depender do objeto e dos percursos metodológicos adotados, o pesquisador ou pesquisadora enquanto sujeito que vive numa sociedade marcada por relações sociais de produção, também carregam valores que condicionam a formulação de problemas, objetivos e procedimentos de produção e análise de dados.

Referências

- GONÇALVES, Hugo Feitosa. **Sobre o método: do positivismo ao marxismo**. Curitiba: CRV, 2020.
- GRAMSCI, Antonio. Caderno 12: Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais, In: GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere: Volume II**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. [1932] 2004. p. 15-53.
- LÖWY, Michael. **Ideologia e Ciências Sociais: elementos para uma análise marxista**. São Paulo: Cortez, 1989.
- MALAGODI, Edgard. **Notas epistemológicas e metodológicas sobre a teoria dialética**. 2013. Tese (Livre-Docência) - Departamento de Ciências Sociais Universidade Federal de Campina Grande, 2013.
- PLEKHANOV, Gueorgui. **O papel do indivíduo na história**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011

Recebido: 10 Set 2021

Aceito: 17 Nov 2021